

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE ROMA

Responsável: Profa. Dra. Maria Isabel D'Agostino Fleming
Museu de Arqueologia e Etnologia / USP

CARANDINI, A. *La nascita di Roma*. Dèi, Lari, eroi e uomini all'alba di una civiltà. Torino: Giulio Einaudi editore, 1998. Parte seconda: L'età pre-urbana.

O nascimento de Roma. Deuses, Lares, heróis e homens na aurora de uma civilização. Segunda Parte: O período pré-urbano.

50. *A arquitetura mítica do Lácio*. ... Se os latinos não conheceram uma ortodoxia religiosa, nem por isso seu mundo sobrenatural era destituído de estrutura e de lógica. De fato, não é difícil entrever uma arquitetura no seu imaginário, indício importante da autenticidade do conjunto de informações que serviram para reconstruí-la. Antes de qualquer coisa, não se pode falar de uma pré-história (deveria ser dito uma proto-história) ferina, caótica e selvagem que teria precedido o mundo civilizado da cidade. Esta é a visão classicista própria de muitos historiadores que não levam em conta os desenvolvimentos das pesquisas arqueológicas e da história da religião dos latinos. Se uma divisão pode ser admitida, seria aquela entre o mundo da pré-história e da proto-história mais antiga, considerado caótico, e o mundo da proto-história mais recente e da primeira Idade do Ferro, que é a época em que se sai da desordem e da alvorada da civilização. Neste processo evolutivo com mais estágios, a criação da cidade completa em si representa apenas o momento final.

51. *Modos de considerar a desordem e a ordem*. No decorrer do desenvolvimento social sucedem-se momentos diversos, pré-urbanos indígenas, pré-urbanos aborígeno-latinos, proto-urbanos latinos, urbanos em formação e urbanos completos em si, marcados por fundadores e por fundações, nos quais, a passagem ordinária da desordem à ordem é revivida como uma realidade sempre atual. Portanto, convém pensar mais em termos de alternância cíclica entre começos diversos do que em uma simples bipartição entre um antes e um depois. Nesta alternância de começos, Caco, Fauno e Remo desempenham o papel de figuras ambíguas, em parte ainda caóticas e em parte civilizadoras, enquanto Pico, Latino, e Rômulo desempenham um papel de figuras eminentemente lineares e ordenadas, que realizam premonições, e são expressão do mundo civilizado de Júpiter. Os primeiros são sobretudo heróis negativos que devem ser neutralizados e mortos e figuram no mais das vezes como soberanos do mundo subterrâneo, invadido pelas águas e pelos mortos (Fauno é ligado a Dispatér e a Conso, identificável

com Netuno Equestre, um deus das águas internas). A potência desses heróis é desordenada e perigosamente fecundante, por isso é necessário purificar-se e preservar-se, salvo nas ocasiões rituais em que se re-evoca a barbárie original, como nos Lupercália, quando os romanos corriam travestidos de homens primitivos. Os segundos, ao invés, são sobretudo heróis positivos e figuram como soberanos da terra acima do sub-solo e emersa das águas e, por conseguinte, do mundo dos homens vivos e civilizados, que fundam instituições, como o matrimônio e os povoados. Esses devem sempre prevalecer, salvo no tempo ritualmente delimitado em que a desordem é re-evocada, quando as potências da ordem devem sucumbir por um dia, tanto que Remo chega e vence Rômulo justamente nos Lupercalia. No entanto, são os heróis mais caoticamente ambíguos que devem sucumbir no resto do tempo, como Caco e Fauno, ambos mortos por Hércules, enquanto sacrificadores de homens (segundo a versão de influência grega) e como Remo morto por Rômulo, enquanto primeiro romano a realizar sacrilégios e consequentemente destinado a morrer antes do tempo. O mundo selvagem e obscuro dos monstros e dos lobos, dos pântanos e dos bosques, pode ficar apenas às margens do mundo civilizado dos homens, representado pelas clareiras habitadas iluminadas pela luz do sol.

52. *Primeiras considerações sobre os Lares.* Os heróis da desordem podem ser perigosos, como os *lemures* (espectros), enquanto os heróis da ordem são eminentemente protetores, como os *parentes*. Mas quando um ciclo na vida dos homens se exaure (como no final de um ano), quando os matrimônios são marcados pela esterilidade, é aos confusos primórdios que se retorna para re-encontrar a energia primitiva perdida. Por acaso não havia o gênero humano surgido das rochas, árvores e animais (como os lobos e talvez também o pica-pau e as porcas)? Assim, as castas sabinas, mulheres estéreis dos romanos foram obrigadas a submeter-se ao bode fecundante Fauno, antepassado e, consequentemente, Lar dos romanos, correspondente demoníaco masculino da função reprodutiva e nutritiva feminina de Juno Caprotina, Ruminale e Sospita. Assim, o cão, típico amigo e guardião dos homens, o animal dos Lares, deve ser sacrificado ao seu inimigo principal, o lobo de Fauno, durante os Lupercalia, talvez em substituição a um sacrifício humano mítico obscurecido nos dois jovens simbolicamente mortos e salvos. Assim, nos Lupercalia, os cidadãos romanos cobriam-se apenas de peles de cabra, mascarados, dir-se-ia de aborígenes, fustigavam as mulheres de tiras daquela mesma pele para fecundá-las, quase como se fossem novos Faunos, e ao mesmo tempo, purificavam com sua corrida desenfreada os limites do Palatino confiados à proteção dos Lares (os cães são um típico sacrifício ligado a portas e muros). Matrimônio e rapto, cão e lobo, purificação e fecundação: todas condições opostas que parecem compatíveis no conceito ambíguo dos Lares e na atmosfera antinômica dos mitos. Mas, quem eram os Lares, quem

eram os dois Lares Praestites (que estão à disposição) dos romanos? É sobretudo entre heróis eminentemente positivos que deverão ser procurados aqueles demônios-cães guardiões das casas, inimigos dos demônios-lobos que habitam os bosques. Pico, filho de Marte é o primeiro Lar (único a figurar sentado como Latino na régia de Laurento). Mas, também heróis eminentemente negativos eram Lares: Caco, Fauno e Remo... Há dois modos de pôr os Lares em relação entre si. Heróis positivos e negativos podem combinar-se sincronicamente por duplas ou por alternância diacrônica, em sequência genealógica. Os Lares eram, de fato, principalmente dois e este modelo dual poderia revelar-se como o mais antigo. Seguindo este ponto de vista, obteremos primeiro a dupla Pico e Fauno, talvez os *luperci* (correspondentes do contexto dos *Lupercalia*) *germani* (da mesma raça) dos latinos, e depois a dupla Latino/Rômulo e Remo, irmãos gêmeos, os *luperci germani* dos romanos. Poderemos unir alternativamente Fauno e Latino, irmãos segundo a *Teogonia*, e obteremos outras duas duplas: Caco e Pico (ou Tricarano), ou então Picumno e Pilumno primeiramente e posteriormente Rômulo e Remo. Outras duplas de irmãos ou de gêmeos que podem ser interpretadas como Lares são conhecidas em outras ocupações do Lácio, que confirmam a importância dessa estrutura mental na mitologia dos latinos, que tem o seu correspondente na Grécia: os Lares no Lácio e os Dióscuros na Lacônia. Odisseu (=Pico) é pai de dois irmãos Agrios/Fauno (nomeado primeiro na *Teogonia*) e Latino (nomeado depois de Agrios), e estas relações poderiam já prefigurar a ordem genealógica Pico-Fauno-Latino atestada na *Eneida*, mas implícita também na genealogia de Ardea, onde Pilumno (=Pico) é pai de Dauno (=Fauno), por sua vez pai de Turno (correspondente a Latino). A genealogia dos reis divinos, longe de ser uma invenção tardia, devia parecer plausível aos leitores cultos de Virgílio e tem suas raízes nos mitos de fundação de Alba e de Ardea, senão mesmo de Lavinio, por isso, deve tratar-se de uma tradição muito antiga. Saturno representa o tempo dos séculos, Pico e Fauno o dos aborígenes, Latino o tempo dos latinos (como Sabus o tempo dos sabinos) e, enfim Rômulo, o tempo dos romanos, por isso, a cosmogonia-teogonia e o suceder-se dos heróis são acompanhados da fundação dos grupos étnicos e de suas ocupações, configurando uma estrutura mítica harmônica e compacta, na qual, o mundo do além e o desta terra parecem baseados um no outro. Duplas de heróis positivos e negativos e alternância genealógica de heróis positivos-negativos: ambos são modos em que a fantasia mítica estabelece relações conceituais, em contradição entre si e, no entanto, perfeitamente compatíveis no contexto pré-lógico dos mitos. Mesmo que se demonstrasse que o modelo da dupla gemelar é relativamente mais antigo do que o modelo da sucessão genealógica, o discurso não mudaria, porque ambos parecem recuar a um período muito antigo, provavelmente não posterior ao Bronze final.

53. *Ciclos e gerações de deuses, antepassados/heróis e reis divinos.* Os tempos e as gerações através dos quais o cosmo se liberta do caos podem configurar-se em seis ciclos míticos sucessivos. ...

Primeiro ciclo. É o ciclo de Jano, que reina com a irmã/esposa Camesena no sítio de Roma (Janículo-Capitólio), no qual há uma primeira emersão da ordem a partir do caos.

Segundo ciclo. É o ciclo dos primórdios, em que os homens (os primeiros chefes) vivem misturados aos deuses e participam da sua essência divina. É também o tempo dos séculos, dos quais Saturnia parece ser a ocupação principal, sendo onde habitava o seu fundador epônimo e primeiro chefe, Sículo. A cosmogonia e a teogonia prosseguem sobre dois montes, o monte Saturnio (futuro Capitólio), sede de Saturno e o Cermalus, que é ou será a sede de Terra/Ops e de Conso. Em Preneste, ao invés de Ops, figura Fortuna Primigênia e em Anxur, Ferônia (uma deusa tipicamente aborígene). No Cermalus está presente agora também Jano, unido desta vez à ninfa Venilia. Este ciclo dos primórdios é também o das divindades que geram os chefes da fase seguinte. Em Roma (no Cermalus?), Vulcano poderia ter gerado, presumivelmente com Maia (possível *antesignata* de Ops) Caco, o último chefe século (um descendente de Sículo?), chefe monstruoso e bárbaro, sacrificador de homens, destinado a ser morto. Em Preneste, Vulcano gera Ceculo com uma virgem irmã dos Digidii, correspondente lacial dos *Daktyloi* cretenses, criado em seguida pelas outras irmãs vestais (análogas às Cecropídias devotas de Atena e que criaram Erictônio). Figura, enfim, Marte, típico deus dos itálicos, que gerou Pico, primeiro rei de Alba (com a aborígene Ferônia, talvez uma correspondente da latina Ops). Talvez em Alba, talvez em Lavinio, onde se atestou o seu culto, e talvez também em Ardea está presente Sol, pai de Circe, a maga que com Ulisses (=Pico) teria gerado Fauno e Latino.

Terceiro ciclo. É o ciclo heróico da expansão dos aborígenes (nos termos gregos, é o ciclo de Hércules, de Evandro e de suas ocupações legendárias no sítio de Roma) e o da primeira separação dos homens (os antepassados/heróis) dos deuses. Em Roma e em Preneste continuam os poderes locais de Caco e Caca e dos Digidii, senão ainda de Ceculo, que depois são abatidos (como o poder de Caco) pelo domínio dos aborígenes (de Tricarano-Hércules). Alba é a metrópole do Lácio, com os reis divinos Pico, conexo a Circe, e Fauno, conexo a Fauna. Derrubado Caco, figuram em Roma os mesmos reis divinos de Alba. Pico esposa, de fato, Canens, ninfa do Cermalus, filha do indígena Jano e de Venilia. Fauno, no Cermalus, está ligado a Fauna/ bona Dea/ Aca, esta última, possível herdeira de Caca. Ops parece agora manifestar-se no mesmo monte nas aparências que serão também de Vica Pota, futura Victoria, mãe de Dis Pater – este último identificável com Fauno e com Conso-Netuno Equestre – e poder-se-ia presumir também de Iuppiter, cujos cultos parecem ter sido fundados por Fauno no monte Albano e

talvez também no monte Saturno. Ops / Vica Pota parece, então, corresponder à Fortuna Primigênia de Preneste e à Feronia Anxur, mãe de Iuppiter e também de Iuno. Fauno aparece ora ligado a Fauna enquanto lobo e ora ligado com Iuno (Caprotina e Sospita) enquanto bode. Em Ardea estão presentes Pilumno (=Pico) e Dauno (=Fauno) e talvez em Lavinio, Pico e Fauno (mas aqui é difícil compreender se se trata de uma presença autêntica ou de uma derivação secundária de Alba).

Quarto ciclo. É o ciclo heróico da hegemonia de Alba, marcado pelo advento de Latino, fundador do Latiar, da liga albana e do *nomem* dos latinos. A separação entre homens e deuses está agora completa e ritualmente regulada. Em Roma, Tácita-Acca com Mercúrio (=Hermes pai de Fauno, um substituto tardio de Marte) gera os Lares. Depois de Latino começa um vazio na memória mítica e esta idade obscura durará até Amulio e Numitor, que abrem o ciclo seguinte.

Quinto ciclo. A fase pré-urbana terminou e começam a se desenvolver as experiências proto-urbanas. Em Alba, um descendente de Latino, Numitor, gera Rea Silvia, reedição cumulativa e em chave principesco-sacerdotal de Ops e de Fauna Aca, a qual, com Marte, gerará Rômulo no ciclo seguinte. As divindades que presidirão à nutrição de Rômulo, entre Alba e Roma, são Pico, o pica-pau, Fausto = Fauno, o lobo, e Aca/Fauna, a loba. Nesse meio tempo, manifestam-se no sítio proto-urbano de Roma novas divindades locais, como Quirino, um deus originariamente das cúrias do Quirinal, provável edição atualizada de Jano, a quem Rômulo virá a ser identificado, Falacer e Pales (= Fales) no Cermalus (deusa ligada a um possível ano-novo primitivo latino), Rumina (relativa a uma localidade hipotética Ruma por hipótese aos pés do Cermalus, onde o Tibre se alarga formando uma *ruma*, uma enseada) e enfim, Palatua no Palatium (deusa principal dos sacrifícios do Septimontium).

Um retorno cíclico. Rômulo, filho de Marte e de Ops-Fauna (=Rea Silvia) funda o povo dos romanos e a cidade-estado de Roma com os ritos etruscos da fossa e do sulco. A sua saga apresenta os caracteres de um ressurgimento da idade heróica.

54. *Significado dos mitos no Lácio.* Nesta reconstrução, as gerações dos chefes e dos antepassados/heróis e reis divinos coincidem substancialmente com as da cosmogonia e da teogonia. Ordem, divindade, soberania, humanidade e animalidade desenvolvem-se gradualmente no tempo, por gerações, determinando a vida progressiva dos povos e de seus povoados. Isto parece constituir o cerne do mundo espiritual dos latinos, que se articula em muitos aspectos, momentos e lugares e, ao mesmo tempo, parece simples, estrutural e total. A ambiguidade é a primeira lei deste universo, no sentido de que o lado caótico, selvagem e antinômico não é nunca totalmente separado do lado ordenado, lógico e civilizado e os extremos que nele se opõem, articulando uma unidade primordial entre deuses, homens, animais, plantas,

rochas, grutas, águas, armas e instrumentos, não se apresentam divididos mas sempre em conjunção e confrontando-se entre si, embora com diversas prevalências. Os deuses, portanto, se determinam gradualmente e não são eternidades estruturais. O suceder-se dos diversos povos – 1) primeiros indígenas desconhecidos, 2) segundos indígenas ou sículos, 3) aborígenes, 4) prisci/casci (primitivos) latinos, 5) segundos latinos, 6) romanos do período de Rômulo e 7) romanos do período dos Tarquínios – e o desenvolvimento das diversas formas de povoados – 1) indígena pré-urbana, 2) pré-urbana indígena-sícula, 3) pré-urbana aborígene, 4) pré-urbana latina, 5) proto-urbana latina, 6) urbana em formação e 7) urbana completa em si – não são mais que o reflexo coletivo e topográfico dos acontecimentos míticos centrados em poucos protagonistas legendários que personificam um número ainda menor de funções espirituais de longuíssima duração. O primeiro e segundo ciclos descritos acima são eminentemente divinos, enquanto o terceiro e o quarto são eminentemente heróicos. Com os quinto e sexto ciclos reemerge, depois de um vazio na memória mítica, uma grande figura legendária representada por Rômulo, último rei divino, que vem dar outra vez um epílogo a grande parte da arquitetura mítica dos latinos no momento da fundação da cidade, que começa a formar-se agora....

55. *Segundas considerações sobre os Lares.* É central na pesquisa que se segue a individuação de Marte como genitor de Pico (no lugar de Saturno) e como ancestral de Fauno e Latino, reis divinos primeiramente de Alba e antepassados autênticos de Rômulo e Remo. Se Fauno, filho ou neto de Hermes/Mercúrio (substituto tardio de Marte), pai dos Lares, é juntamente com Pico e Latino um Lar, pode-se entender a estreita ligação, de outra forma inexplicável, entre Marte e os próprios Lares. Entende-se, assim, também Marte enquanto genitor de Modius Fabidius e de Rômulo, fundadores de Cures e de Roma, como Pico o foi verossimilmente de Alba. Fauno/Silvano é atestado como Lar Agrestis e Enéias talvez também como Lar no *lucus* (bosque sagrado) de Fauno em Albunea (Tor Tignosa), a meio caminho entre Alba e Lavinio. Aqui, mais do que a capacidade de produzir oráculos de Fauno, conta o fato de ele ser um dos principais antepassados em linha direta dos latinos (através de Latino) e dos romanos (através de Rômulo). Por outro lado, o culto dos Lares (Compitales) era ligado a Mania, a Mãe dos Lares (=Mani), a quem, em uma época, eram ofertados sacrifícios humanos, que depois foram substituídos por bolas e bonecas e sacrifícios de cães, que, por sua vez, remetem aos antepassados e ao mundo infernal. O tema da descendência genealógica indígena dos reis divinos não é, portanto, separável do tema da relação entre Marte e os Lares. O fato de os antepassados aparecerem como demônios-heróis e demonstrarem poderes oraculares nada mais é do que um dos modos através dos quais esses manifestam o cuidado protetor em relação aos vivos seus descendentes e dos locais por eles

habitados numa época. Os Lares protegem os limites da comunidade do perigo representado pelos estrangeiros – são acima de tudo demônios do mundo exterior – e protegem o solo nas suas várias subdivisões e nos seus diversos limites, dos quais eram os primeiros possuidores: dos limites das *domus* (casa) (as soleiras, os umbrais e as frentes das casas), àqueles dos quarteirões que se encontravam na mesma vizinhança (o *compitum*), dos bairros ou *curiae*, talvez também dos *montes* e dos *pagi* e, enfim, do povoado inteiro (assinalados por muros, limites e *pomerium*), distritos dos *populi* e do campo dos centros proto-urbanos e das cidades – Fauno é o primeiro tutor dos confins – como se cada subdivisão do solo coincidisse com uma subdivisão dos próprios Lares, como sugere a lenda da porca com os trinta leitõezinhos (ligada a Latino) – o mesmo número de *populi*, de *curiae* e Lares Grundiles da cidade – e a lenda de Rômulo esquartejado – parte autêntica e fundamental da sua saga – cujos membros foram sepultados nas diversas casas dos *patres*, isto é, nos locais das diversas cúrias da cidade. Aqueles demônios-heróis que são os próprios antepassados compreendidos como Lares, que aparecem também como um pica-pau ou como uma arma-instrumento, como um lobo, ou como um bode, ou como uma serpente e simbolicamente como uma porca com seus leitõezinhos, não são deuses (como os Penates e os Indigeti) – por isso é difícil identificar Vulcano com o Lar Familiaris – mas são certamente gerados por deuses e vêm interpor-se entre as divindades e os homens, fazendo as vezes de grandes intercessores da comunidade. Rômulo e Remo descendem dos Lares dos latinos e representam os Lares dos romanos. Por isso devem ter também eles um deus como pai. Explica-se desse modo porque Rômulo seja filho de Marte, como Modius Fabidius e provavelmente também Pico. Temos portanto Lares Praestites, seja no nível urbano romano como no pré-urbano latino, distintos nas gerações míticas e juntos fundidos na coletividade dos antepassados protetores da aldeia. Mas esta realidade dos Lares, assim complexa e radicada no universo mítico dos latinos, não podia ser compreendida antes que fosse restabelecida a genealogia originária, isto é, que fosse tentada a restauração da tradição mítica anterior aos Tarquínios e que tivesse consentido ligar diretamente Rômulo com Latino. Rômulo associado a Alba ao invés de a Lavinio é um outro sinal da antiguidade e autenticidade de sua saga.